



FALANDO PELOS COTOVELOS

Lúcia Pimentel Góes

Resenha

Rui fica muito encafifado quando a avó lhe diz “não vá esfolar o pé da mesa!” e logo depois avisa que “vem vindo um pé de vento”. A mãe, para complicar, ainda acrescenta: “Vá num pé e volte no outro!”. É muito pé para a cabecinha de Rui. Assim não dá pé! Onde estará a cabeça do alho que a mãe mandou buscar? E a coitada da mamãe, que tem que fazer boca de siri? Isso sem falar na cabeça dele, que, alguém falou, está nas nuvens. Ai, meu Deus, será que ninguém fala coisa com coisa? E, de confuso, o pequeno passa a assustado, achando que a avó vai espetá-lo e assá-lo na brasa só porque tirou notas baixas. Rui chora, a mãe põe a culpa nos filmes de terror da televisão e explica que ele não pode levar tudo ao pé da letra. Mas a avó se zanga com ele. “Não tem jeito”, se conforma o menino. “Eles têm que falar comigo como se eu fosse do tempo da onça!”

Essas e outras situações divertidas são enfrentadas pelo garoto protagonista da história, que leva ao pé da letra as expressões populares (“Vá pentear macaco!” “Vá num pé e volte no outro!”) e outras manifestações da linguagem figurada, como as metáforas (fome de leão), as catacreses (pé da mesa, cabeça de alho), as hipérboles (praga de arrepiar cabelos, dar nó na língua) e os provérbios (“Gato escaldado tem medo de água fria”; “É de pequenino que se torce o pepino”). As confusões que o menino faz são um divertido estímulo para o pequeno leitor se conscientizar das possibilidades inesgotáveis de uso da língua e um incentivo para novas e saborosas descobertas.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

O livro *Falando pelos cotovelos* convida o leitor a um passeio por expressões idiomáticas da língua portuguesa, partindo das mais corriqueiras para outras mais antigas, ou “do tempo da onça”, como diria a avó do Rui. Como a narrativa caminha sob o ponto de vista de uma criança, o texto é repleto de estranhamentos, sem cair em explicações excessivamente didáticas. Para uma leitura em família, esse formato é delicioso.

O ponto de partida são as expressões mais simples, presentes no dia a dia das crianças: “pé da mesa”, “pé de vento”, “cabeça de alho”, “dar uma mão”, “dar um pulinho aqui”. A autora Lúcia Pimentel Góes aproveitou esses termos que de tão usuais já estão naturalizados até para meus filhos pequenos. Mas as ilustrações e as dúvidas de Rui chamaram a atenção deles para o absurdo que seria se tudo fosse interpretado literalmente, ou melhor, ao pé da letra.

Ao virar das páginas, junto com as figuras de linguagem mais comuns, começam a aparecer expressões que realmente causaram estranhamento aos meus filhos, como “língua de trapo”, “boca de siri”, “rei na barriga”, “cobras e lagartos”. Foi interessante notar como todas eram muito naturais

para mim, mas completamente desconhecidas para eles. Muitas dessas expressões e provérbios ouvi de minhas avós, mas hoje quase ninguém mais fala. Por isso, a escolha de uma avó como personagem traz uma boa dose de verdade para a leitura.

Mesmo quando questiona os mais velhos sobre o que estão dizendo, Rui não recebe respostas explicativas. Na vida real, ninguém aprendeu a falar ouvindo explicações sobre o significado de cada palavra: é o contexto de uso que nos fez aprender. Assim, resolvi tentar fazer algo semelhante durante a leitura, ou seja, não dar as respostas. No lugar disso, fizemos uma espécie de jogo de adivinhações.

Em vez de explicar logo o que significava cada expressão, convidei-os a imaginar o que poderia ser, primeiro pelas palavras em si. Por exemplo, questionei: siri é um bicho que tem boca grande, já viram siri de boca aberta, é bicho que fala muito? Depois, tentaram compreender pelo contexto da história o sentido da expressão. Fiz uso da mesma expressão em outros contextos para que eles pudessem checar se haviam entendido corretamente.

Apesar de pequenos, percebi que aqui em casa ninguém é *burro como uma porta*. Eu, como jornalista e apaixonada pela língua portuguesa, fiquei feliz de ver como eles tiveram prazer com a leitura. Afinal, *filho de peixe, peixinho é!*





Um pouco sobre a autora

Lúcia Pimentel Góes nasceu em Amparo e cresceu em Vera Cruz, cidades do interior de São Paulo. Tudo começou, segundo ela, na sua infância, explorando um quintal mágico cheio de plantas, bichos e, principalmente, junto à sua inseparável mangueira. Nela, aconchegada em três de seus galhos em forquilha, leu contos maravilhosos, Lobato, Érico Veríssimo. Seu primeiro livro, *Reinações de Míche e Lucita*, saiu em 1969. Já era formada em Música pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e em Direito pela Universidade de São Paulo quando palestras provocadas pela repercussão de seu primeiro livro levaram-na de volta à universidade para dedicar-se à literatura. Foi professora livre-docente e associada da Faculdade de Letras da USP, beneficiando-se do convívio gratificante de colegas professores, escritores, ilustradores, alunos de todas as idades, no Brasil e no exterior. Leu, lê, estudou, estuda muito. Estudar para ela é descobrir a aventura de viver e espantar-se com os mistérios dessa imensa casa que é a Terra, em meio a um — ou vários — Universos. Gostaria de ver no Brasil uma escola alegre, fascinante para todas as crianças e jovens. Tem mais de cem livros publicados. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Prêmio Especial

de Literatura Infantil de 1990, concedido pela APCA — Associação Paulista de Críticos de Arte — pelo conjunto de sua obra.



Leia mais

Da mesma autora

- ✦ *A maior boca do mundo*. São Paulo: Ática.
- ✦ *Cantigas e contações*. São Paulo: Prumo.
- ✦ *Poemas de contagem e enigmas populares*. São Paulo: Prumo.
- ✦ *Lendas portuguesas*. São Paulo: Prumo.
- ✦ *O leão devorador*. São Paulo: Paulus.
- ✦ *Os dez anõezinhos da tia verde água*. Petrópolis: Vozes.

Do mesmo assunto

- ✦ *Com a pulga atrás da orelha*, de Christiane Gribel. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Sem pé nem cabeça*, de Elias José. São Paulo: Formato.
- ✦ *Nós e os bichos*, de Marcelo R. L. Oliveira. São Paulo: Companhia das Letrinhas.